

A ALUSÃO COMO PROPOSTA DE LER E ESCREVER NO GÊNERO ROMANCE

Amanda Maria Nascimento Gomes (UNEB)
amandalispector@hotmail.com

1. Introdução

A leitura do romance *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós nos indicia a presença de várias categorias da intertextualidade. Buscamos com nossa pesquisa, o leitor-modelo do autor-modelo do livro *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós, por entendermos que aquele que faz o jogo alusivo como a metáfora categoria da alusão e a memória se constitui o leitor-modelo do autor-modelo do autor Bartolomeu Campos de Queirós. Por isso, o objetivo desta pesquisa é desenvolver um estudo intertextual tendo a metáfora como constituidora do jogo alusivo.

A singularidade da obra pode ser percebida pela constituição gráfica, pois as páginas não são enumeradas convencionalmente e há uma linha gráfica que divide as duas histórias; a dos ciganos e a do menino. Observamos também outras possibilidades para que o leitor torne-se um leitor nômade que ao ir e vir entrelace as histórias, leia-as de tantas outras formas, outras possibilidades.

Acima da linha, uma leitura permitida é aquela que os ciganos despertavam em um pequeno vilarejo, curiosidade, mistério, contemplação de medo, alegria, liberdade e beleza. Provocavam sonho nas pessoas daquele lugar. O sagrado misturava-se ao profano. E, ninguém sabia exatamente de onde viam ou para onde partiam os ciganos.

Escutei de outros que eram filhos das grandes florestas e procuravam uma passagem para as minas de ouro do rei Salomão. (p. 1)

Ninguém sabia para onde iam os ciganos. Se voltavam para o Egito ou se tiveram notícias, pelas cartas do baralho, das minas de ouro do rei Salomão. (p. 11)

Os fragmentos acima aludem ao livro *As Minas do Rei Salomão* que narra a história de uma jornada ao coração da África feita por um grupo de aventureiros em busca de lendária riqueza do Rei

Salomão, rei bíblico renomado tanto por sua sabedoria quanto por sua riqueza. No livro os aventureiros correm riscos, desvendam mistérios, tudo para chegar à tão sonhada riqueza.

O nome das serras, realmente, sempre foi serras de Salomão. Além disso, uma feiticeira, do distrito de Manica, uma velha de mais de cem anos, contou-me tudo... Isto é, contou-me que para lá das serras vive um povo que é da raça dos zulus, e que fala um dialeto zulu... Pois nesse povo há videntes, grandes feiticeiros, que de geração em geração, têm trazido o segredo de uma mina prodigiosa, que foi de um rei... (HAGGARD, 2003, p. 25)

– A entrada das minas de Salomão lá está... Chegaremos nós lá? (*Id.*, p. 51)

Em Ciganos há alusões ao livro citado à medida que o povo cigano também busca riquezas, correm riscos, desvendam mistérios, estão em busca de desvendar o segredo das minas, já que são também feiticeiros e videntes que o guardam “... se tiveram notícias, pelas cartas do baralho, das minas de ouro do rei Salomão” (p. 11)

Outros falavam que vinham das terras de Espanha ou das areias de Portugal. Cortaram o mar, guiados pelo brilho das escamas de sereias, escondidos nas noites.

Sem saber ao certo de onde viam ou para onde iam, sei que os ciganos surgiam. (p. 1)

O trecho acima nos alude a um discurso histórico, que é uma das hipóteses de origem do povo cigano, que ainda hoje é de todo desconhecida. No princípio, devido à dificuldade de se estabelecer a origem dos diversos grupos de ciganos que chegaram a Portugal, foram erradamente chamados de gregos ou egípcianos, porque se pensava que vinham da Grécia ou do Egito.

Não se conhece com exatidão a data da chegada dos ciganos a Portugal, mas a sua presença começa a ser assinalada no início do século XVI, de acordo com os primeiros testemunhos que aparecem na literatura e na legislação, isto é, no Cancioneiro de 1510 e no “Auto das Ciganas” de Gil Vicente em 1521.

Em Portugal os ciganos apresentavam práticas misteriosas e pagãs estranhas como, adivinhar o futuro, acampar e vestir roupas diferentes, não podiam deixar de causar o pasmo das populações fortemente marcada pelo poder da igreja católica.

Muitos ciganos foram perseguidos e por isso saíram para diferentes partes do mundo e estiveram sujeitos a efeitos que se fazem sentir até hoje; cigano rouba menino, cigano rouba objetos, ciganos são pagãs, são amaldiçoados.

É nesse jogo discursivo que destacamos a alusão, não como uma mera menção como propôs Paulino (1995, p. 29) a alusão é um tipo de intertextualidade fraca, uma vez que nota apenas uma leve menção a outro componente seu. Mas entendemos que a alusão é perturbadora porque exige do leitor um compromisso com o ir e vir dos discursos.

Segundo Torga (2001, p. 10) a alusão;

É perturbadora, é sutil, criadora do movimento de ir e vir, devir, porque exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída mnemonicamente pela cooperação.

A perspectiva teórica sobre a alusão em Torga (2001) nos remete também a Eco (1994, p. 9) quando ele afirma que: o texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho. Percebe-se que os autores acima comungam da mesma ideia que a memória constitui ao lado da metáfora uma das categorias do movimento de ir e devir da alusão como estratégia de leitura e escrita sutil, porém perturbadora na construção de sentido do texto.

Ou ainda como Torga (2001, p. 10), que afirma que “as alusões vão formando a figura do todo – a partir dos índices – pequenas citações, enquanto parte desse todo”.

Nascia assim, de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povo antigo. (p. 02)

A emoção de mistura: de um lado o *recado dos céus* e do outro a realidade dos gitanos. Essa dúvida se tornava o sossego da cidade. (p. 03)

Desejo escondido de *ler a linha do horizonte* (grifos nossos). (p. 1)

Os fragmentos acima indicam que a utilização de metáforas permite decifrar os mistérios do mundo e das emoções do povo cigano.

Em “Nascia assim, de repente como a morte” alude à ideia de que é também a morte um (re)nascimento e a vila (re)nascia com a chegada dos ciganos. Mas as pessoas daquele lugar conviviam com “o recado dos céus”, ou seja, a lembrança de que o sagrado deve imperar sobre a realidade dos ciganos, mas havia o desejo de “ler a linha do horizonte”, decifrar os mistérios que os envolviam, pois a origem dos ciganos está ligada, desde sempre, a fantasia. Tolerados ou hostilizados, os ciganos não deixam ninguém indiferente.

Abaixo da linha gráfica está o sonho soturno do menino-narrador adulto em busca de preencher a sua falta interior. Um menino feito de coragem e medo que enxergava nos ciganos a possibilidade de eles ocuparem o vazio que ele carrega dentro de si.

Foi no tempo dos ciganos que o conheci. *Ele era como a madrugada perto de acordar*. Era um menino feito de coragem e medo. (p. 01)

Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado. Ele sentia que só roubamos o que nos faz falta. E ele – como gostaria de ser ausência, mesmo dos ciganos. (p. 7)

Para um menino, assim só, *os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos* (grifos nossos). (p. 8)

Percebemos nos excertos que o menino constrói uma imagem dos ciganos de “espécie de sol que acordava os afetos” contrariando a memória coletiva que se organiza em torno de um mito social de ser o povo cigano nômade, aquele que rouba objetos, rouba meninos e tem um modo de existir que causa medo. Mas “Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado”, aqui o verbo “roubar” assume um significado positivo, contrário ao seu significado real de retirar algo de outrem indevidamente. Pois para um menino que convivia com tantas faltas; indiferença e sisudez do pai, perda da mãe, solidão, só os ciganos com tanta alegria que despertam na cidade eram capazes de preencher seu vazio. Por isso ele queria ser levado pelos ciganos, desejava desfrutar de outros mundos com outras companhias. Para ele “os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos”. (p. 8)

Ler *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós é a possibilidade de contemplar a beleza e a singularidade de sua obra. O texto – prosa poética - faz o leitor transitar pelas páginas e “[...] destramelar as janelas e espiar mais longe”. (QUEIRÓS, 1996). E isso se dá a

partir de uma estratégia de leitura daquele que faz o jogo alusivo com as metáforas e a memória discursiva.

Assim, percebendo a metáfora e a memória discursiva como categorias constituidoras da alusão, entendemos que ela, a alusão pode ser uma teoria de leitura e escrita que nos possibilita ler *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós como “desejo escondido de ler a linha do horizonte e desvendar os mistérios que diziam além dos mares e das montanhas”. (QUEIRÓS, 1991).

2. *Da alusão e da fenomenologia dialética*

Em seu livro *intertextualidade* Paulino (1995, p. 29) afirma que a alusão é um tipo de intertextualidade fraca, uma vez que nota apenas uma leve menção a outro componente seu. Já Torga (2001) afirma que a alusão é criadora do movimento ir, vir e devir, que é o movimento da contradição inerente à fenomenologia dialética.

Hegel (*Apud* TORGA, 2001, p. 10) traz para a filosofia a concepção de dialética em que a contradição se constitui o motor do pensamento. É por ela que o pensamento, e a história se realizam como processo, como movimento – movimento dos contrários.

E, é este o movimento dialético do ir e vir, movimento da não linearidade que consiste o jogo alusivo em *Ciganos*, que apresenta os fenômenos que contém o movimento que releva a essência e esta por sua vez, contém, dialeticamente o fenômeno.

Para Kosik (1995, p. 16) captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência.

Os fragmentos a seguir demonstram como se dá o movimento de sentido da alusão na perspectiva da fenomenologia dialética.

Essa maneira milenar que os ciganos tinham de estar no mundo – nascendo em cada chegada e morrendo em cada partida – incomodava os habitantes da cidade, sempre a perseguirem o eterno. (p. 2)

A emoção se misturava: de um lado o recado dos céus e do outro a realidade dos gitanos. Essa dúvida se tornava o sossego da cidade. (p. 3)

Nascia assim de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo. (p. 2)

Nos exemplos destacados podemos perceber a fenomenologia dialética como em “nascendo em cada chegada e morrendo a cada partida” é nítida, neste trecho, a contradição entre o “nascer” da chegada dos ciganos conota-se a alegria que a cidade sentia e o “morrer” na partida pelo vazio e tristeza que eles deixavam, mais adiante “nascia assim de repente como a morte, uma vila colorida”, a morte aqui assume um valor de vida pelo renascer da vila com a chegada dos ciganos.

O movimento fenomenológico dialético do jogo alusivo se dá exatamente no jogo luz/sombra/luz presente no fenômeno e na teoria. Ou seja, no fenômeno há a presença da teoria e nela a presença do fenômeno. Assim ao se falar em “nascendo a cada chegada e morrendo a cada partida” o movimento de chegar já alude à partida que há em si o movimento daquele que chegou.

Há também a presença do sagrado e do profano “de um lado o recado dos céus e do outro a realidade dos gitanos”

Eles deixaram a Índia, alguns diziam, em busca de um caminho para se chegar ao sol. Escutei de outros que eram filhos das grandes florestas e procuravam uma passagem para as minas de ouro do rei Salomão. (p. 1)

Neste excerto percebemos a construção mitológica em torno dos ciganos, de que constituem um povo nômade sempre em busca de riquezas, que não se fixam em nenhum lugar, por isso causam curiosidades onde chagam. De maneira geral, pouco se sabe sobre sua cultura, a sua origem, a sua história e a razão de serem como são; festeiros, amantes do canto e da dança, das roupas coloridas, dos hábitos ruidosos e do desejo de liberdade. Tudo isso instigava a curiosidade de todos e do menino-narrador adulto que queria ser levado por eles.

A metáfora “*caminhos para se chegar ao sol*” indicia esse desejo de ir além dos limites, de explorar lugares para se chegar ao “sol” ao brilho, às contemplações de alegria e felicidade. Daí o mito de ser o povo cigano alegre, festeiro. Alude, ainda, à lenda do Rei Salomão, personagem bíblico que sendo rei de Israel acumulou mui-

tas riquezas em seu reinado através da exploração de riquezas do Mediterrâneo.

Nos escritos bíblicos do velho testamento Salomão é um dos reis mais exaltados pela sua riqueza e sabedoria.

Todas as taças que o rei Salomão usava para beber eram de ouro, e toda a baixela do salão da floresta era também de ouro puro... E o rei Salomão superou em riqueza e sabedoria todos os reis da terra. Todo mundo queria visitar Salomão, para aprender a sabedoria que Deus lhe havia dado. Cada um trazia seus presentes: vasilhas de prata e ouro, roupas, armas e aromas, cavalos e mulas. (10 Rs, 21-25, p. 380)

O fascínio provocado pelo esplendor da riqueza do rei Salomão nos remete à memória social que nos faz pensar que o povo cigano está sempre também em busca de riquezas, do ouro. Este não deixa de estar presente na vida deles que sendo nômades acumulam suas riquezas de maneira portátil.

Era o amarelo a cor preferida dos ciganos. Eles amavam o sol, o ouro, o cobre. Enfeitavam-se com ouro nos dedos, nos dentes, nas orelhas, nos braços. (p. 8)

O fragmento abaixo revela o desejo do menino-narrador adulto de também explorar sua vida, de "*ler a linha do horizonte*" de ir além, de desvendar mistérios, de buscar outras possibilidades de vida. Essa seria sua maior riqueza.

Lembro-me, contudo, de seu primeiro segredo: desejo escondido de ler a linha do horizonte e desvendar o mistério que diziam além dos mares e das montanhas. (p. 1)

Cabe ao leitor tornar-se nômade para transitar entre as duas histórias; a dos ciganos e a do menino. É ele o leitor empírico que vestido de leitor – modelo fará ou não o jogo alusivo. Isso se dá no momento em que se percebe a construção do discurso com o movimento do ir, vir e devir que une as duas histórias e faz perceber como os ciganos constroem no imaginário social o desejo de adquirir riquezas e liberdade, por isso estão sempre transitando e o desejo do menino de sair de seu lugar comum aludindo à vida dos ciganos.

Para Torga (2001, p. 19) o texto vai, na sua significação, além do trabalho significativo do autor. "Compreender uma obra é, assim, compreendê-la enquanto mediatizada pelas relações sociais, pela lin-

guagem, ou enfim, pelas relações autor-leitor, pela linguagem, pela alusão”.

A presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade. Portas eram cerradas, roupas não dormiam em varal, nem cavalos soltos nos pastos. (p. 2)

Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos: isto por contarem que cigano roubava criança. E, como ninguém sabia de onde viam ou para onde iam, as crianças ficariam perdidas para sempre. (p. 6)

Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado. Ele sentia que só roubamos o que nos faz falta. E ele como – gostaria de ser a ausência, mesmo dos ciganos... (p. 7)

Aqui nota-se a de sentimentos antagônicos em relação ao povo cigano; primeiro temos os medos e a insegurança perante o povo cigano “a presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade”. O medo surgiu *como* mito construído em torno de um imaginário coletivo social de que ciganos roubam objetos de, que não são pessoas confiáveis, que são “diferentes”, pois têm uma cultura ímpar que não é comparada a nenhum outro povo. Até mesmo as crianças são influenciadas por esse discurso, principalmente quando os adultos lhe dizem que ciganos roubam menino, “Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos” (p. 6)

Segundo, temos curiosamente o sentimento do menino de querer ser roubado pelos ciganos “Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado”. Mas de onde vem esse desejo? Por que um menino gostaria de ser “roubado” pelos ciganos? É aqui que percebemos que o mito dos ciganos é uma alusão ao preenchimento das faltas do menino-narrador adulto. Se o povo cigano é alegre, festeiro, unido entre si, só eles poderiam preencher os vazios que há em um menino que convive com a perda da mãe, a indiferença do pai e a falta de amor da família.

Ninguém sabia, nem as sábias ciganas, que morrer cedo era a sorte de sua mãe, mas assim foi. Ela partiu numa madrugada, neste momento frágil que nem mesmo a natureza se define. (p. 4)

Foi do seu pai que ele herdou essa mania calada, esse jeito escondido e mais a saudade de coisas que ele não conhecia nem imaginava. Sua vontade de partir veio, porém, do desamor. Tudo em casa já andava ocu-

pado: as cadeiras, as camas, os pratos, os copos. Mesmo o carinho distribuído. (p. 3)

Por seguidas vezes a sua solidão se misturava aos ruídos do chicote do pai, nas costas. E desse surpreendente dueto também ele não sabia a dor maior, se da carne ou a do coração. (p. 3)

Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado. Ele sentia que só roubamos o que nos faz falta. E ele – como gostaria de ser ausência, mesmo dos ciganos... (p. 7)

Para um menino, assim só, os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos. (p. 8)

Mas esta raça colorida, que roubava até o sono das crianças, se convertia em esperança para aquele menino contido. (p. 7)

Na construção gráfica do livro há uma linha que divide as duas histórias; a dos ciganos e a do menino. Assim no desenvolver da narrativa os dois discursos vão se entrelaçando em forma de espiral; acima da linha a história dos ciganos aparece de forma mitológica que conduz o leitor à história do menino-narrador adulto. Abaixo da linha gráfica por sua vez alude à história dos ciganos acima da linha gráfica. E este o movimento fenomenológico-dialético da alusão às partes compoendo o todo e o todo levando as partes.

Era o amarelo a cor preferida dos ciganos. Eles amavam o sol, o ouro, o cobre. Enfeitavam-se com ouro nos dedos, nos dentes, nas orelhas, nos braços. (p. 8)

A simbologia do amarelo alude à cor do ouro, do cobre que são metonimicamente as partes que compõe o todo que metaforicamente a riqueza. E, é também a cor amarela que representa o sol que é uma alusão à ação de aquecer, que é uma alusão ao afeto, este a maior riqueza do menino.

Para um menino, assim só, os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos. E era tanto o amor, que muitas vezes ele duvidava de tudo, pensava ser um cigano em porta de família alheia. (p. 8)

Desta maneira o menino-narrador, voz do autor empírico, do livro *Ciganos* alude em sua narrativa outros discursos que precisam ser recuperados pelo leitor.

Em *Ciganos* o jogo alusivo constitui o cerne do discurso, sem ele o leitor empírico que não esteja vestido de leitor-modelo não desvendar as possibilidades de movimento de sentido do texto. Para

Eco (1994 p. 22) O leitor-modelo é um conjunto de instruções textuais apresentadas pela manifestação linear do texto precisamente como um conjunto de frases ou de outros sinais.

Adornado a mesa da sala da casa desse menino, havia um caramujo. Feito de um rosa quase branco e brilhante como o vazio, ele tinha a superfície lisa como pedra enrolada.

Sempre que os ciganos surgiam, armava no coração do menino a vontade de ter sempre esse caramujo sobre o ouvido. É que ele trazia enrolado sob sua forma, o barulho das ondas do mar. Mas que existia depois das montanhas, atrás da linha do horizonte, mas que o caramujo mantinha como um recado ou uma saudade, fielmente. (p. 2)

Outros falavam que vinham das terras de Espanha ou das areias de Portugal. Cortaram o mar, guiados pelo brilho das escamas de sereias, escondidos na noite.

Sem saber ao certo de onde vinham ou para onde iam, sei que os ciganos surgiam. (p. 1)

Os ciganos deixavam a cidade e nem sempre desavisadamente. Enquanto dobravam as lonas, os tapetes, as sedas, empilhavam o cobre, o menino recolhia sua esperança escondido em roupas dos varais.

No dia seguinte restos de cinzas marcariam a presença dos ciganos.

Engolido pelas noites, ele se punha a pensar no caminho daqueles gitanos vindos da Índia, das terras de Espanha e das areias de Portugal. Mas nem eles, capazes de roubos, o desejavam.

Então o silêncio se instalava, frágil e rígido como vidro. (p. 11)

Não faz muito, encontrei esse menino. Estava alheio como antes da chegada ou depois da partida dos ciganos.

Ele passeava entre fadas, conchas, pássaros e domingos. Tentei por outra vez adivinhar seu pensamento. Vi que seu coração já não anda farto de desejos. Como caramujo, enrolado sobre si mesmo, ele imaginava viagens a lugares que só existem muito depois das nuvens. (p. 12)

Os enunciados acima denotam que o jogo alusivo está justamente nos sinais que o autor-modelo proporciona para que o leitor-modelo compreenda que o texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça a parte do seu trabalho, Eco (1994, p. 9).

Em “Sempre que os ciganos surgiam, armava no coração do menino a vontade de ter sempre esse caramujo sobre o ouvido” percebemos que metaforicamente o caramujo alude ao sentimento de solidão de introspecção do menino, por isso “É que ele trazia, enro-

lado sob sua forma, o barulho das ondas do mar”. E, o mar nos alude aos caminhos que provavelmente os ciganos percorriam para chegar a vila que o menino morava. "Cortaram o mar guiados pelo brilho das escamas de sereias, escondidos na noite.” Quando os ciganos deixavam aquele lugar o menino voltava de novo para dentro de si, para suas faltas e seu vazio interior “Então o silêncio se instalava, frágil e rígido como vidro”, assim “como caramujo, enrolado sobre si mesmo, ele imaginava viagens a lugares que só existem muito depois das nuvens.”

Os sinais que são partes, vão indiciando fragmentariamente, a constituição do sentido de certo todo na obra.

2.1. Da metáfora

As metáforas no dizer de Harries (1992, p. 87) falam daquilo que está ausente. Toda metáfora que é mais do que uma abreviação de uma linguagem mais direta acena para aquilo que transcende a linguagem ou ainda para Torga (2001, p. 46), a metáfora, é a parte que é produzida para ser equivalente ao todo, de forma que a relação todo/parte possa ser vista pretensamente na condensação do todo.

Para Gagnebin (1997 *apud* TORGA, 200, p. 45), a ação metafórica é uma relação entre dois elementos da linguagem, ou seja, a possibilidade de transpor para uma coisa o nome de outra coisa.

Ou ainda como afirma (TORGA, 2001, p. 45), “a metáfora, pela condensação, atuaria na linha da reprodução da relação todo/parte, a parte se identificaria com o todo.”

No *corpus* analisado nossa atenção está voltada também para as metáforas, numa tentativa de desvelar o processo de construção desse jogo semiolinguístico da alusão de sentido e/ou expressões. São as experiências, as vivências que forjam o leitor, que lhe permitem alcançar (ou não) o projeto do autor e do narrador.

Assim em *Ciganos* as metáforas vão formando o todo que alude às partes que, por sua vez são da ordem da metonímia. A força da metáfora no jogo alusivo depende basicamente de nossa incerteza,

da capacidade de deixar o interlocutor oscilando entre dois significados.

Nos exemplos abaixo podemos perceber como se dá essa formação:

Para um menino, assim só, os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos. (p. 8)

O sol nos remete ao poder que ele tem de aquecer, o que é metaforicamente ligado ao afeto. Aquele que possui afeto está aquecido. E, o menino queria ser parte dos ciganos uma vez que ele acreditava que somente os ciganos poderiam preencher sua falta de amor.

Por muitas vezes o sino da igreja se integrava às batidas dos martelos, e desse surpreendente dueto a cidade, como a poesia, ficava indefinida. (p. 3)

O sino da igreja enquanto parte e as batidas dos martelos também enquanto parte constituem metonímias que aludem ao todo. O sino vindo da igreja anuncia aquilo que é da dimensão do sagrado, enquanto que as batidas do martelo anunciam para muitos um ritual profano dos ciganos.

A cidade tornava-se indefinida com esse dueto, pois se de um lado o sagrado os convidava para os rituais religiosos, do outro os ciganos os seduziam para os rituais profanos. Tanto um quanto o outro aludem ao mesmo preenchimento das lacunas, das faltas, do não afeto da espiritualidade, da festividade, do trabalho dos ciganos.

A emoção se misturava: de um lado o recado dos céus e do outro a realidade dos gitanos. Essa dúvida se tornava o sossego da cidade. (p. 3)

O jogo alusivo é marcado neste fragmento de um lado como o céu sendo o lugar do sagrado, do mistério da purificação, do não pecador, de serem homens merecedores da alegria, do bem estar. Do outro lado a realidade dos gitanos, do mistério, das fantasias, das festas, do profano. Mas também da purificação.

Nascia assim de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo. (p. 2)

A vila, metaforicamente renascia, ou seja, os moradores voltavam a ter alegria com a presença dos ciganos que eram promessa de mistério, fantasias, festas.

Nos fragmentos que se seguem, percebemos, como o jogo alusivo ocorre nas relações do menino-narrado adulto, seu meio familiar e o mundo social dos ciganos: o povo cigano é conhecido como um povo nômade, sem endereço fixo, que vive de chegadas e partidas, sem uma definição na vida, tendo como ponto forte a noção de pecadores, de ladrões, de perigosos, de perdidos na vida. Aqueles que faziam parte do grupo, as mulheres de roupas longas e coloridas, os homens com um modo singular de agir, aqueles que com sua chegada provocavam desejos escondidos nas pessoas daquele lugar e despertava o sonho do menino de ser levado por eles. O mistério que a presença deles provocava é, metaforicamente, uma alusão à liberdade, ao despertar dos desejos escondidos em respeito a religiosidade, ao afeto, às faltas interiores que os ciganos preenchiam em cada um daqueles lugares por onde andavam.

Eles deixaram a Índia, alguns diziam, em busca de um caminho para se chegar ao sol. Escutei de outros que eram filhos das grandes florestas e procuravam uma passagem para as minas de ouro do rei Salomão. (p. 1)

Nascia assim de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo. (p. 2)

Eles devem ter inventado a festa, a cor, a forma do circo. (p. 9)

Nas noites, forte de música saía das cabanas e, percorrendo a cidade, invadindo ouvidos, promovia sonhos. (p. 7)

Assim, revelando desejos, confirmando anseios, realizando fantasias, os ciganos passavam a ser silenciosamente amados. (p. 5)

Por seguidas vezes a sua solidão se misturava aos ruídos do chicote do pai nas costas. E desse surpreendente dueto também ele não sabia a dor maior, se a da carne ou a do coração. (p. 3)

[...] Ele comungava a vontade de fazer de fazer-se atraído pelos ciganos e ser roubado por eles. Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado e ele sentia que só roubamos o que nos faz falta. E ele - como gostaria de ser ausência, mesmo dos ciganos. (p. 7)

Os fragmentos acima contêm no nosso entender, exemplos do jogo alusivo em *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós.

O título já nos alude ao mito “ciganos” povo de origem desconhecida, que chega a causar medo, mas que sempre despertaram a

curiosidade, o fascínio pelo desconhecido e também o desejo de espiar mais longe e desvendar os mistérios além dos mares e oceanos.

Para Torga (2001, p. 19) O texto vai além, na sua significação, além do trabalho significante do autor. Compreender uma obra é, assim, compreendê-la enquanto mediatizada pelas relações sociais pela linguagem, ou enfim, pelas relações autor-leitor, pela alusão.

Assim, revelando desejos, confirmando anseios, realizando fantasias, os ciganos passavam a ser silenciosamente amados. (p. 5)

2.2. Da memória discursiva

Em *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós percebemos que o discurso é uma prosa-poética construída com a memória.

Para Halbwachs (*Apud* DAVALLON, 1999) a memória é caracterizada como o que ainda é vivo na consciência do grupo e para a comunidade.

É o rememorar através das imagens, das experiências do passado: imagens dos ciganos; de seus costumes, das festas, do sagrado, do profano, dos sonhos, das faltas, que vão possibilitando ao leitor vestido de leitor-modelo e ao autor vestido de autor-modelo a construção do mosaico que é o livro *Ciganos*.

Segundo Goff (*Apud* TORGA, 2001, p. 53), nas sociedades sem escrita cabia aos homens – memória ou aos membros mais velhos das comunidades serem os guardiões da memória. A memória coletiva se organiza em torno de três grandes interesses: o mito, o prestígio das famílias dominantes (genealogia) e o saber profissional ligado à magia religiosa.

Os conceitos de memória se fazem necessários, pois entendemos que ela constitui uma das categorias da alusão em *Ciganos*. É ela, a memória, que permite resgatar o imaginário social do povo cigano e possibilitar o ir e vir do discurso na obra.

No dizer de Brandão (*Apud* TORGA, 2001, p. 68) a memória discursiva é que torna possível toda a formação discursiva fazer circular formulações anteriores já anunciadas.

E de rua em rua, de porta em porta, elas se ofereciam para ler o destino que diziam oculto na palma de todas as mãos. Contavam ainda que a mão era uma cartilha que elas aprenderam a decifrar com os egípcios, há muitos e muitos séculos. (p. 4)

E nas mãos que a cidade timidamente oferecia, estas ciganas – tiradoras de sorte – liam futuros cheios de amor e fortuna. Diziam de longas viagens e de terras desconhecidas. Falavam de um rapaz louro ou de uma rapariga morena que completaria a felicidade de cada um. Previam casamentos muito em breve e com muitos filhos. Viam um sinal de pequeno desgosto, mas a vida, esta seria longa e cheia de aventuras. (p. 5)

Os fragmentos citados aludem ao discurso mitológico de que as ciganas são tiradoras de sorte, adivinhas, conseguem prever o futuro e para muitos profetizar significa blasfemar ir contra o sagrado. Desta maneira socialmente muitas ciganas causam estranheza, medo, onde chegam por prever o futuro. Assim ao longo da história foram rotuladas como feiticeiras, amaldiçoadas. No entanto, para a comunidade cigana a prática da quiromancia não é um mero sistema de adivinhação, mas, acima de tudo um inteligente esquema de orientação sobre o corpo, a mente e o espírito; sobre a saúde e o destino.

O povo cigano pelo seu modo singular de estar no mundo causa curiosidade, medo, fascínio. A razão da diáspora dos ciganos ainda não é de todo conhecida, restando, portanto, apenas hipóteses. Mas o imaginário social criou conclusões de que o povo cigano é aventureiro, mau, ladrão e é isso que é repassado até hoje pelo mundo.

A presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade. Portas eram cerradas, roupas não dormiam em varal, nem cavalos soltos nos pastos. (p. 2)

O livro *Ciganos* nos convida ao sentimento despertado no menino que gostaria de ser roubado pelos ciganos contrariando o mito social. É a “cartilha” dos ciganos que o menino-narrador adulto quer decifrar.

Por tantas vezes ele quis oferecer sua mão às ciganas, mas recusava, explicando para si mesmo que mão de menino não tem leitura, as linhas não são definidas. (p. 5)

Mas seu primeiro amor foi Lili. Ela era feita de papel, impresso na cartilha, mas que lhe permitia repetir ao avesso: Lili, olhe para mim. Mas também ela continuava de olha fixo sem o ensinar a decifrar a linha do horizonte ou a descobrir o que imaginava escondido atrás dos mares. (p. 5)

Em “Mas seu primeiro amor foi Lili. Ela era feita de papel, impresso na cartilha”, o menino-narrador fala de um tempo passado, que nos alude a um dos lugares da socialização: a escola, já que a Cartilha, “O livro de Lili” era uma cartilha que seguia o Método Global de alfabetização, desde a década de 30 até meados na década de 60. Mas esta “cartilha” não ajudava o menino a decifrar o mundo “Mas também ela continuava de olha fixo sem o ensinar a decifrar a linha do horizonte ou a descobrir o que imaginava escondido atrás dos mares”.

Um pensamento feliz invadia, raras vezes, o menino, que passava então a construir histórias. Seria roubado pelos ciganos e o pai partiria para resgatá-lo. Ofereceria recompensa, mesmo pouca, pediria rezas. *E como todos os meninos ele voltaria para casa e se amedrontaria com os ciganos. Adotado, esqueceria o caramujo sobre a mesa, e pelas mãos do pai percorreria a vida e dormiria nas madrugadas. Herdaria o mesmo ofício e como o pai andaria estradas. Cansados repousariam os talheres e viveriam em si silencioso afeto* (grifo nosso). (p. 10)

A passagem acima nos remete a um sonho do menino-narrador adulto, pois ele gostaria de ser “roubado” pelos ciganos pela falta de afeto do pai e gostaria de ser “adotado” por esse mesmo pai. Aqui aludimos essas faltas ao discurso psicanalítico, pois a ausência de amor do pai, a não presença da mãe o levava a fantasiar exílios, e estes encontravam espaço na comunidade cigana, sempre alegre e unida “Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado. Ele sentia que só roubamos o que nos faz falta. E ele – como gostaria de ser ausência, mesmo dos ciganos...” (p. 7). Mas ao ser resgatado pelo pai

como todos os meninos ele voltaria para casa e se amedrontaria com os ciganos. Adotado, esqueceria o caramujo sobre a mesa, e pelas mãos do pai percorreria a vida e dormiria nas madrugadas. Cansados repousariam os talheres e viveriam em si silencioso afeto.

A narrativa é convidativa, como é a alusão que possibilita capturar fragmentariamente a coisa e levar ao leitor-empírico a vestir-se se leitor-modelo e compor o mosaico que é a obra.

3. Conclusão

Tendo como *corpus* da pesquisa o livro “Ciganos” de Bartolomeu Campos de Queirós preocupou-se em investigar: quem é o lei-

tor-modelo do autor-modelo do livro *Ciganos* de Bartolomeu Campos de Queirós?

Indagação que só foi possível ser respondida após a leitura da teoria da alusão proposta por Torga (2001), assim traçamos como hipótese: Que o leitor-modelo do autor-modelo do livro *Ciganos* é aquele que faz o jogo alusivo com as metáforas.

Considerando que “a alusão é perturbadora, sutil, criadora do movimento de ir, vir, devir, porque exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa por ele ser reconstruída mnemonicamente, pela cooperação” (TORGA, 2001, p. 10), é que foi possível ter um suporte teórico que desse conta da análise do *corpus*.

Escrever uma monografia bibliográfica tendo como principal pesquisa o *corpus Ciganos* e a teoria da alusão como principal marco teórico foi pertinente porque ratificou nossa hipótese. Muito angustiava saber que o conceito proposto por Paulino (1994) era de que a alusão é um tipo fraco de intertextualidade.

Em *Ciganos* percebemos como a narrativa se constrói a partir de duas histórias; a dos ciganos e a do menino-narrador adulto. E que nós enquanto leitoras e investigadoras tivemos que transitar pelas histórias e assim como os ciganos nos tornamos nômades alusivos para compor as partes que dão conta do todo da obra.

Fazer as alusões presentes na narrativa nos possibilitou “ler a linha do horizonte e desvendar os mistérios...”, já que a obra é uma prosa-poética e nos convida para desvendar com as metáforas, as entrelinhas, como bem disse Clarice Lispector “o melhor não está nas linhas, o melhor está nas entrelinhas”.

A leitura com a alusão permite formar um certo todo da obra a partir de fragmentos que conduzem a outros:

Eles deixaram a Índia, alguns diziam, em busca de um caminho para se chegar ao sol. Escutei de outros que eram filhos das grandes florestas e procuravam uma passagem para as minas de ouro do rei Salomão. (p. 1)

O fragmento acima alude ao livro *As Minas do Rei Salomão* que por sua vez é uma alusão ao Rei bíblico Salomão.

Mas seu primeiro amor foi Lili. Ela era feita de papel, impresso na cartilha, mas que lhe permitia repetir ao avesso: Lili, olhe para mim. Mas também ela continuava de olha fixo sem o ensinar a decifrar a linha do horizonte ou a descobrir o que imaginava escondido atrás dos mares. (p. 5)

Há também alusão a fragmentos de outros textos e a seus próprios textos, quando remete não apenas do discurso pedagógico da cartilha – Lili, mas também do seu livro *Ler, Escrever e Fazer Conta de Cabeça*: “Se queria dizer ‘eu gosto de doce’ com o a Lili que olhava para mim, ficava assim: ‘ou geste muare do deco’.”

Também os fragmentos abaixo aludem ao mito dos ciganos construído pelo imaginário social.

Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos: isto por contarem que cigano roubava criança. E, como ninguém sabia de onde viam ou para onde iam, as crianças ficariam perdidas para sempre. (p. 6)

A presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade. Portas eram cerradas, roupas não dormiam em varal, nem cavalos soltos nos pastos. (p. 2)

E nas mãos que a cidade timidamente oferecia, estas ciganas – tiradoras de sorte – liam futuros cheios de amor e fortuna. Diziam de longas viagens e de terras desconhecidas. Falavam de um rapaz louro ou de uma rapariga morena que completaria a felicidade de cada um. Previam casamentos muito em breve e com muitos filhos. Viam um sinal de pequeno desgosto, mas a vida, esta seria longa e cheia de aventuras. (p. 5)

O desenvolvimento deste trabalho mostrou que foi possível uma análise tendo a alusão como estratégia de leitura do livro *Ciganos*. E que outros livros também podem ser melhor analisados a partir desta estratégia.

Como bem ensina Bartolomeu Campos de Queirós é preciso “...destramelar as janelas e espiar mais longe...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Trad. J. H. Nunes. Campinas: Pontes. 1999.

BOSI, Ecleá. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das letras, 1998.

STORNILO, Ivo. Trad. *A bíblia sagrada*. São Paulo: Paulus, 1998.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Feist, Hildegard. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HAGGARD, Henry. *As minas do Rei Salomão*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ISER, Wolfgang. *A interação do texto com o leitor*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAURENT, Jenny. *Intertextualidades*. Coimbra: Almedina, 1979.

LYOTARD, Jean François. *A fenomenologia*. São Paulo: Difusão do Livro, 1967.

PAULINO, Graça, WALTY, Ivete, CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades; teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. São Paulo, 1995.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ciganos*. 12. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. 2. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1994.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *O movimento de sentido da alusão: Uma estratégia textual da leitura de Ler, Escrever e Fazer Conta de Cabeça, de Bartolomeu Campos de Queirós*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.